

opiniões  
a república mundial das letras,  
de pascale Casanova,  
lida no brasil  
e na França:  
nacionalidade  
e terminologia

*The World Republic of Letters*, by Pascale Casanova, read in Brazil and France: nationality and terminology

**Lohanna Machado\***

**Resumo**

Nesse artigo estudei a recepção do livro *A República Mundial das Letras*, de Pascale Casanova, expressa em artigos publicados em francês e em português desde seu lançamento (1999) até o ano da realização da pesquisa, em 2017. Procurava com isso investigar, dada a natureza da obra que se pretende uma “arma crítica para os excêntricos”, quais as diferenças e

---

\* Doutoranda em Literatura Brasileira na USP com projeto sobre a internacionalização da literatura brasileira. Mestre em Estudos Literários na UFPR com a dissertação *O pobre-diabo na literatura brasileira: de José Paulo Paes a Chico Lopes*. Bolsista CNPq.  
E-mail: lohanna.machado@gmail.com  
Artigo recebido em 25/06/2018 e aceito para publicação em 11/12/2018.

semelhanças na sua leitura crítica no Brasil, cuja literatura é considerada periférica, e na França, cuja Paris é tradicionalmente considerada capital das artes. A pesquisa confirma a hipótese de que essa obra de Casanova é melhor apreciada pelas "pequenas literaturas". Concluo que o grupo brasileiro junto à parcela periférica do grupo francófono se apropria dessa arma crítica para pensar sua posição marginal, enquanto o grupo francês originário da França se volta, de maneira geral, a questões de ordem terminológica.

## Palavras-chave

*A República Mundial das Letras*; Pascale Casanova; Literatura Mundial; Literatura periférica; nacionalidade

## Abstract

In this article I studied the reception of Pascale Casanova's *The World Republic of Letters*, expressed in articles published in French and Portuguese from its launch (1999) until the year of the research, in 2017. It sought to investigate, given the nature of the work that is intended as a "critical weapon for the eccentrics", what are the differences and similarities in its critical reading in Brazil, whose literature is considered peripheral, and in France, whose Paris is traditionally considered capital of the arts. The research confirms the hypothesis that this work of

Casanova is better appreciated by "small literatures". I conclude that the Brazilian group together with the peripheral portion of the francophone group appropriates this critical weapon to think its marginal position, while the French group originating in France generally turns to questions of terminology.

## Keywords

*The World Republic of Letters*; Pascale Casanova; World Literature; Peripheral literature; nationality

Este artigo investiga a recepção crítica da obra *A república mundial das Letras*, de Pascale Casanova (2002), em trabalhos acadêmicos publicados em francês e em português entre seu lançamento, em 1999, e o ano de 2017. A capital dessa República imaginada e descrita por Casanova é Paris, mas embora o livro pareça, por vezes, um elogio ao poder conquistado e ao capital cultural acumulado pela "cidade-literatura", foi concebido, segundo afirma a autora (2002, p. 424), como uma "espécie de arma crítica a serviço de todos os excêntricos". Tal declaração me despertou algumas perguntas: quais são os usos que a obra tem tido em seu país de origem, para o qual declaradamente não se dedica ao mesmo tempo em que homenageia? Recolhi uma amostra de dezoito artigos, sendo nove publicados em português e nove em francês, procurando pelas palavras-chaves "Casanova" e "República Mundial das Letras" nos portais Google

# opiniões

Scholar, Scielo, Portal de Periódicos da CAPES, ResearchGate, Academia.edu, FreeFullPDF e FindArticles. Nesses textos analisei como as referências à obra de Casanova se articulam com o restante do conteúdo e, mais especialmente, procurei destacar de forma esquemática quais foram os pontos da obra destacados em cada artigo a fim de responder ainda outras questões: quais são as semelhanças e dessemelhanças destacáveis? Quais pontos do extenso livro de Casanova são mais frequentemente evocados na “capital da República” e quais são os mais relevantes para a crítica literária de um país cuja literatura é periférica?

Tem história o devaneio de uma literatura livre dos entraves das circunscrições nacionais. Nos anos noventa a utopia da “Literatura Mundial” eclodiu como objeto de estudo da teoria literária denunciando o achatamento, embutido nesse conceito, das diferenças entre as literaturas. A *República Mundial das Letras*, de Pascale Casanova, é uma tentativa notável de dar contorno, estrutura e alguma materialidade à chamada Literatura Mundial. Não aquela preconizada por Goethe, pacífica, sem fronteiras, fraternal, mas, sim,

(...) um espaço regido por relações de forças tácitas, mas que comandariam a forma dos textos que se escrevem e circulam por toda a parte no mundo; um universo centralizado que constituiria sua própria capital, suas províncias e

seus confins e no qual as línguas se tornariam instrumentos de poder. (CASANOVA, 2002, p. 18).

Se as formas desse “imenso edifício” permaneceram invisíveis até então, seria por repousarem “em uma ficção aceita por todos os protagonistas do jogo: a fábula de um universo encantado (...) onde se realiza na liberdade e na igualdade o reinado do universal literário” (CASANOVA, 2002, p. 26). Publicada na França em 1999 e no Brasil em 2002, *A República Mundial das Letras* teve sua estreia acompanhada pela publicação, no início do ano 2000, de um artigo de cerca de dez páginas de Franco Moretti chamado “Conjeturas sobre a literatura mundial”, o qual também teve larga repercussão. Apesar de conciso, o texto é fruto de uma extensa pesquisa lendo obras literárias e críticas não ocidentais. Moretti (2000, p. 173) procurou relacionar a forma de operar do capitalismo internacional, “simultaneamente uno e desigual, com um centro e uma periferia vinculados num relacionamento de crescente desigualdade”, com o que chama de um “sistema mundial de literaturas inter-relacionadas”. A coincidência de seus propósitos e a concomitância das duas obras impressiona, se não é reflexo de um espírito de época. Esses dois textos, se não podem ser chamados de fundadores, foram ao menos catalisadores do reavivamento das discussões em torno da Literatura Mundial. Reflexo disso é a publicação de obras como *Debating World Literature*, que congrega estudiosos do calibre de Moretti,

Benedict Anderson e Christopher Prendergast (2004), *Combined and Uneven Development: Towards a New Theory of World-Literature*, do grupo WReC (2015), e os estudos de David Damrosch (2003) a respeito das formas de ensino da Literatura Mundial.

Em solo brasileiro as obras de Casanova e Moretti foram bem recebidas pela academia e traduzidas com pouco ou mínimo atraso. De fato, era para literaturas como a brasileira a quem elas se endereçavam. Casanova tem como um de seus referenciais críticos Antonio Candido e uma das obras que analisa mais detidamente é *Macunaíma*: o herói sem nenhum caráter, de Mario de Andrade. Já Moretti tem como uma de suas referências centrais nesse artigo, além de Jameson e Even-Zohar, o crítico brasileiro Roberto Schwarz.

Causou entusiasmo a enxurrada de eventos celebrando a literatura brasileira a nível internacional nesse início de século. Para citar alguns, teve-se a atuação do projeto Conexões, os editais de bolsas da Biblioteca Nacional, especialmente o de incentivo à tradução, a Machado de Assis Magazine, a reformulação do programa de Leitorado, a abertura de novos Centros Culturais Brasileiros, a atuação de redes de brasilianistas como a REBRAC, BRASA, ABRE, incontáveis eventos acadêmicos tematizando a cultura brasileira, as participações em grandes feiras como país homenageado, Frankfurt, Salão do Livro de Paris, Feira do livro de Guadalajara, além da Europalia e do Ano do Brasil na França e

Portugal. Trata-se de um grande esforço conjunto mobilizando diversos agentes e instituições e que se justifica na crença de que através dessas operações estaríamos conquistando espaço numa República Mundial das Letras que até então não nos reconhecia, pedindo licença para entrar. Infelizmente não existem ainda trabalhos de fôlego analisando esse fenômeno, mas seguramente Casanova seria um ponto de partida seguro para se pensar os interesses, preconceitos, imposições e a inflexibilidade do cânone nas relações de poder do sistema literário mundial. Menciono, embora, para que o leitor não prossiga sem outras referências, o número temático da revista Brasil/Brazil dedicado à internacionalização da literatura brasileira. O artigo de Earl Fitz (2014) nessa edição é um retrato simbólico do otimismo partilhado no período, uma crença na penetração da literatura brasileira no mercado e nos estudos comparativos internacionais, esperanças hoje sombreadas pelo retraimento econômico e uma série de cortes de verba na área da cultura.

Uma voz dissonante, de relevância menor ao lado de nomes como Moretti, Casanova e seu orientador Bourdieu, mas que tem importância nas discussões mais recentes sobre a posição da literatura brasileira na "Literatura mundial", é a do professor português Abel Barros Baptista. Animado por uma polêmica troca de textos entre Michael Wood e Roberto Schwarz na qual estava no centro uma leitura da obra de Machado de Assis que não ignorasse sua circunscrição numa tradição literária e num contexto brasileiro,

# opiniões

Baptista (2009, p. 65) defendeu o que chamou de “propósito cosmopolita”, o qual não consistiria em

(...) negar a nacionalidade da literatura brasileira em nome de uma natureza intemporal e transcultural da literatura (...) [mas em] reconhecer o desejo de nacionalidade, delimitá-lo historicamente, desnaturalizá-lo, e, enfim, identificá-lo como uma das forças da literatura moderna em acção no Brasil, como, aliás, noutras nações.

Esses processos seriam realizados por acadêmicos estrangeiros impulsionados pela crença de que a literatura “em rigor não tem país” (BAPTISTA, 2009, p. 63). Pertenceria, portanto, a essa instância des-historicizada da literatura mundial e seu contexto de produção passa a ter pouca relevância. Classificando esses acadêmicos como “filantropos”, além de defender que deveriam ser tratados como “convidados de honra” e não como estrangeiros, Baptista não leva em conta que

A vida intelectual, como todos os outros espaços sociais, é o lugar de nacionalismos e imperialismos, e os intelectuais veiculam, quase tanto quanto os outros, preconceitos, estereótipos, idéias pré-concebidas, representações muito sumárias, muito elementares, que se alimentam dos acidentes da vida cotidiana, das incompreensões, dos mal-entendidos (...) (BOURDIEU, 2002, p. V).

A literatura francesa, ao contrário, e este é um privilégio das “grandes literaturas”, transcende sua nacionalidade, é universal, esteticamente é o espaço de legitimação da técnica. Essa diferença entre pequenas e grandes literaturas, ou literaturas dominantes e dominadas, também nos termos de Casanova (2002, p. 217) diz respeito ao poder das línguas, das nações, ao peso da tradição. A República Mundial das Letras

(...) tem seu modo próprio de funcionar, sua economia gerando hierarquias e violências, e sobretudo sua história, que, escondida pela apropriação nacional (e portanto política) quase sistemática do fato literário, jamais foi até agora descrita. Sua geografia constituiu-se a partir da oposição entre uma capital literária (e portanto universal) e regiões que dela dependem (literariamente), e que se definem por sua distância estética da capital. Por fim, dotou-se de instâncias de consagração específicas, únicas autoridades legítimas em matéria de reconhecimento literário, e encarregadas de legislar literariamente; (...) (CASANOVA, 2002, p. 26).

Passemos, então, à análise dos artigos recolhidos a fim de identificar, nesse contexto da Literatura Mundial como delineada por Casanova, quais foram os usos de sua obra e as diferenças e semelhanças entre os dois grupos. Entre os artigos em língua francesa, é notável que a nacionalidade dos pesquisadores e dos “problemas” trabalhados

em grande parte não coincida com a nação francesa. Ou seja, um número significativo dos autores e temas são francófonos, mas não franceses. Nisso é diferente do caso brasileiro, pois os artigos em português são, em sua maioria, escritos por brasileiros e preocupados com temas e problemas do país. Embora o título do artigo se refira a Brasil e França e esses tenham sido de fato os pontos de partida, uma definição mais adequada, após a coleta dos materiais, seria dividir os artigos não entre países de origem, mas entre línguas de origem.

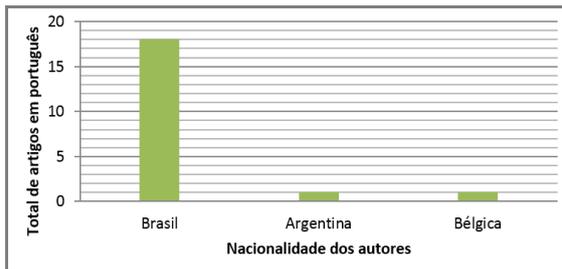


Gráfico 1: Nacionalidade estimada dos autores dos artigos publicados em português.

Entre os artigos em português, dois foram escritos a quatro mãos numa parceria com um pesquisador estrangeiro: a do brasileiro Muniz trabalhando em conjunto com a argentina Szpilbarg e a do brasileiro Romanelli em conjunto com a belga Stalaert. Já entre a totalidade dos autores que assinam os dezoito artigos em língua francesa, também com artigos escritos a quatro mãos,

apenas metade dos autores são naturais da França, conforme segue no Gráfico 2:

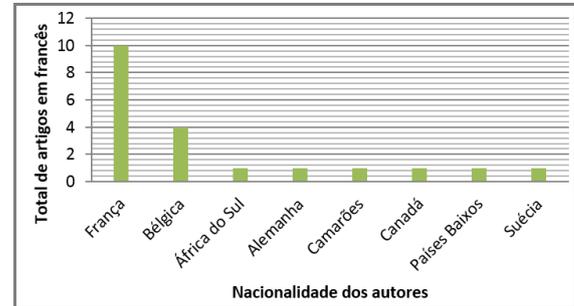


Gráfico 2: Nacionalidade estimada dos autores dos artigos publicados em francês.

Enquanto a língua portuguesa ocupa uma posição periférica na geografia mundial, possuindo uma quantidade significativa de falantes, mas baixo poder, o francês, com um número menor de falantes nativos nos países onde o francês é a língua oficial, conta com 54 estados e governos membros da *Organisation Internationale de la Francophonie*. Segundo essa mesma instituição, o francês é a segunda língua materna mais falada na Europa e a quinta língua mais falado no mundo, somando língua nativa e segunda língua. É também uma das cinco línguas oficiais da ONU. Segundo dados do Ethnologue: *languages of the world*, o português ultrapassa o francês em número de falantes nativos em sete posições. Quanto à totalidade dos artigos encontrados em português ter coincido com pesquisadores brasileiros, também podemos encontrar

# opiniões

explicação nos números: dos 261.561 mil falantes de português, de acordo com dados estatísticos do Observatório de Língua Portuguesa<sup>1</sup> de 2015, 206.657 mil encontram-se no Brasil. Esse conjunto de informações auxilia a compreensão da disparidade entre as nacionalidades dos pesquisadores de ambas as categorias. Essencialmente, temos de um lado a preponderância massiva do Brasil em termos de falantes nativos de português, diferença que não ocorre entre os países de expressão francesa, de outro, temos a importância da língua francesa no concerto das nações, o que pode influir na atração de pesquisadores não nativos.

É verdade que, em respeito à ideia original dessa breve pesquisa, poderia insistir na busca até alcançar o total desejado de artigos produzidos em ambiente acadêmico francês, descartando os resultados de outras nacionalidades, ou poderia, como afinal me decidi, considerar essa heterogeneidade um dado relevante. Enquanto os dezoito primeiros resultados em português naqueles meios de busca foram todos escritos por ao menos um autor brasileiro, num mesmo método de pesquisa por artigos em francês o resultado nesse aspecto foi bastante diverso. Essa escolha, no entanto, obrigará a matizar as conclusões lá adiante.

Outro dado que precisa ser relativizado é o ano de publicação dos artigos. Embora possa demonstrar a intensificação ou diminuição do interesse pela obra de Pascale Casanova, por outro é difícil

delimitar qual a exata interferência, numa pesquisa com ferramentas virtuais, da crescente virtualização das revistas acadêmicas na última década e meia. Para além disso, uma amostra de apenas dezoito artigos de cada língua não deve ser considerada suficiente para dar a real dimensão das referências ao livro nesses dois espaços linguísticos – mas pode adiantar alguns indicativos. Levando isso em conta, a distribuição das publicações numa linha do tempo mostra que o livro passa a ser citado já no primeiro biênio após sua publicação na França (1999) e no Brasil (2002), mas alcançará seu pico de referências, também com uma diferença de um biênio entre os artigos em francês e em português, entre os anos de 2009 e 2012, mostrando um declínio menos acentuado nos anos posteriores entre os artigos em português.

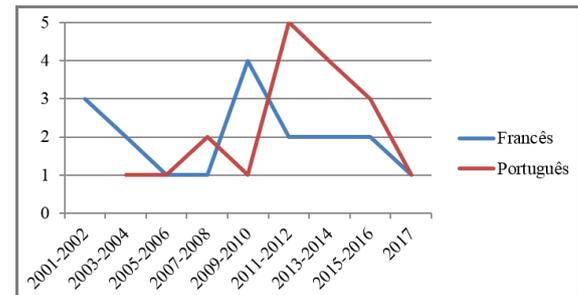


Gráfico 3: distribuição dos artigos numa linha do tempo.

Passando à intenção principal desse artigo, identificar qual é a Casanova citada nos artigos em português e nos artigos em francês, quais usos são feitos, afinal, dessa obra nesses dois espaços de

diferente capital literário, é importante esclarecer que o tema principal dos artigos interessou menos que o uso feito pelos pesquisadores de *A República Mundial das Letras* nas formulações que seguem. Os temas dos artigos, dada a sua enorme diversidade, havendo até mesmo um artigo da área da moda, pulverizariam a análise aqui proposta. A fim de possibilitar uma esquematização visual, procurei resumir em títulos breves os aspectos teóricos desenvolvidos por Casanova que foram recuperados nesses artigos. Cada gráfico é acompanhado de uma descrição do que sejam esses tópicos e de um maior detalhamento das referências à obra, operações sujeitas, embora, à ligeireza da pesquisa. Inicio pelos artigos em português comentando os tópicos na ordem de sua relevância numérica. Após essas etapas, segue-se uma interpretação dos resultados obtidos.

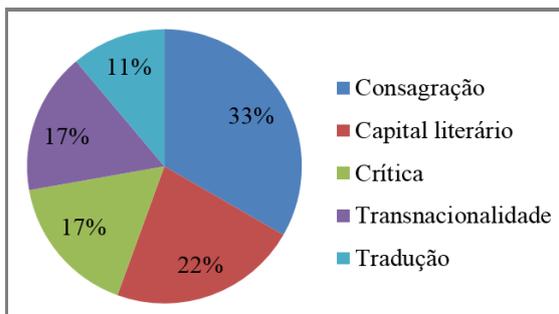


Gráfico 4: Aproveitamento dos artigos em português dos conceitos de P. Casanova.

Na categoria "Consagração", foram incluídos artigos (de Stallaert e Romanelli, Muniz e Szpilbarg, Ávila, Figueiredo, Santos, Magri) que fizeram uso da descrição de Casanova dos variados mecanismos de consagração literária, como a atuação dos peritos e políglotas, as premiações literárias, a luta por reconhecimento na capital-Paris – ou o "meridiano de Greenwich".

Em "Capital literário", povoam artigos que se interessaram pelas teorizações em defesa de que se compreenda um escritor, sua obra, através da posição ocupada na República das Letras por seu local de origem. Faz-se referência às diferentes formas de enriquecer o capital literário de um país, como a possibilidade de uma relação "antropofágica" com o capital estrangeiro para fins de enriquecimento simbólico, além do próprio entendimento das desigualdades, em termos de capital simbólico, entre as diferentes literaturas e a semelhança dessas com as desigualdades político-econômicas de ordem extra-literária. São os artigos de Barros, Lott, Rocha e Bordini.

O título "Crítica" faz referência a três artigos cuja relação com a obra de Casanova foi sobretudo de antagonismo. Os pontos de conflito foram, em Martins, uma suposta "cegueira" de Casanova para as novas possibilidades tecnológicas de circulação de livros (*e-books* e contrafação) e para a crescente espetacularização das feiras literárias. Já Braga-Pinto questiona a efetividade da intenção declarada por Casanova de servir sua obra como uma arma crítica para os excêntricos. Para esse

# opiniões

pesquisador, o resultado é o contrário do esperado: a "sua análise contribui para reproduzir, mais do que desacelerar a máquina museográfica francesa" (BRAGA-PINTO, 2012, p. 125). O autor ainda questiona o que chama de uma visão da literatura excludente, sinônimo de "*belles-lettres*", também acusa Casanova de separar "literatura e sociedade", de revalorizar um conceito que considera superado, o de nação, além de fazer um "confuso e problemático" uso, ao mesmo tempo econômico e literário, do conceito bourdiano de autonomia (BRAGA-PINTO, 2012, p. 126-8). Por último, Moreschi (2014, p. 3) critica a associação de Casanova entre autonomia criativa e controle da reputação literária, afirmando que existiriam outros tipos válidos de criatividade e autonomia.

Dos três artigos que enfatizaram as discussões sobre transnacionalidade, um é, na verdade, uma má leitura de Casanova. Em "A república mundial das roupas e a modernidade de Machado de Assis", a autora afirma, sem citar página, que, para Casanova, não haveria lugares inferiores e superiores entre colonizados e colonizadores, pois

(...) se o centro não é, nessa visada, o "lugar" de uma superioridade artística ou intelectual, assim como a periferia não é, igualmente, o lugar de uma suposta inferioridade ou de um atraso, no mesmo sentido, não é que haja uma inversão de valores, mas simplesmente uma nova convivência de espaços com características e propostas diferentes (...). (BOSAK, 2012, p. 79).

Embora Casanova sem dúvidas tenha trabalhado com essa sua obra para a valorização das "pequenas literaturas", através da denúncia e delimitação das estruturas de poder relativas ao campo literário mundial, isso não significa que seja, então, um ponto vencido, uma "inversão de valores" concretizada ou mesmo em vias de se concretizar. Nesse caso, a alegada transnacionalidade sem centros e periferias, sem colonizados e colonizadores, não encontra correspondência no livro ou fora dele. É, no entanto, um conceito manipulado por Casanova, um recurso do qual as "pequenas literaturas" poderiam se valer para forçar caminho no mercado e no debate internacional, como bem compreenderam os autores dos outros dois artigos desta categoria, Gasparini e Serrani.

Entre os artigos da categoria "Tradução", o de Cunha (2004, p. 2), apesar de se interessar por aspectos da tradução como "espaço de tensão entre o próprio e o alheio na construção da formação de uma identidade nacional", apenas citou Goethe através de Casanova, ignorando passagens relevantes d'A *República Mundial das Letras* sobre o tema da tradução. O segundo artigo, "Tradução e referências culturais", debatendo sobre a literatura francófona, evoca dois trechos distintos: a escrita numa língua hegemônica como forma de obter prestígio e o papel "nacionalizante" da tradução na França, apagando o que soasse estranho.

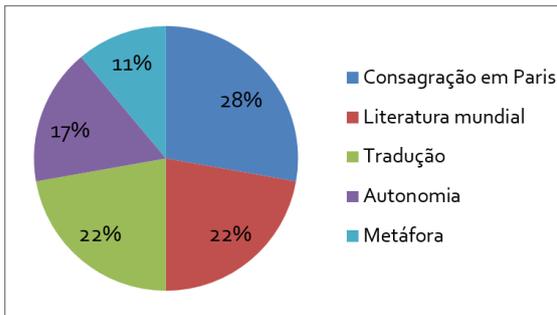


Gráfico 5: Aproveitamento dos artigos em francês dos conceitos de P. Casanova.

O tópico "Consagração" teve nos artigos em francês a especificidade "em Paris" especialmente pelo peso de um número relevante de textos que tratam, de uma forma ou outra, da francofonia. Entre esses, a importância de Paris como um duplo lugar de consagração, ao mesmo tempo capital da República das Letras e capital da francofonia, é um tema de destaque em três dos cinco artigos dessa categoria (Fraisse, Feze, Meyer). A exceção são os artigos "*Le regard suédois sur les femmes écrivains de la francophonie*" e "*Entre nationalisme et internationalisme : une conscience européenne des avant-gardes françaises ?*". O primeiro, embora também se utilize das teorizações de Casanova sobre os mecanismos de consagração na República das Letras, não se preocupa com a consagração em Paris, e sim com a inserção de escritoras francófonas no mercado sueco. Já o segundo artigo é, na verdade, uma crítica à certa galomania na defesa de que existiria uma "necessidade" de consagração em Paris para

as pequenas literaturas, desconsiderando o internacionalismo das vanguardas europeias surgidas na primeira metade do século XX.

O segundo tópico mais recorrente entre os artigos franceses é o intitulado "Literatura mundial". Segundo Moretti (2000, p. 174), a literatura mundial não é um objeto, mas um problema. Após as contribuições quase concomitantes desse teórico literário e de Casanova, a discussão ganhou fôlego e o debate seguiu século XXI adentro pensando os contornos e possibilidades desse problema cujo estudo continua tendo potencialidade para a compreensão dos mecanismos e campos de força tácitos aos quais a literatura está sujeita. As discussões mais gerais sobre o problema da literatura mundial apareceram nos artigos em francês dos pesquisadores Dugonjić e Latour, Halen, Al-Matary e Wilfert-Portal, Provenzano. Da obra de Casanova, aproveitaram das discussões sobre a internacionalização da literatura num sistema formado por literaturas nacionais com capital simbólico desigual, o "poder" das línguas na dinâmica mundial e o jogo de forças entre as "grandes e pequenas literaturas".

Nos artigos em português foram escassas as referências às teorizações de Casanova sobre a tradução no contexto da República das Letras. Já entre os em francês constam quatro artigos, embora dois de uma mesma autora, Marie-Hélène C. Torres, francesa que atua como professora na Universidade Federal de Santa Catarina. Esses

# opiniões

artigos tratam de um mesmo tema, que seja: a fraca presença da literatura francesa no Brasil. São aproveitadas, nos artigos de Torres, Heilbron e Sapiro, e Grutman, as falas de Casanova a respeito da tradução como uma instância de consagração, a intradução para aumentar o patrimônio de uma literatura e a tradução imbricada em relações de força entre países.

O conceito de autonomia do campo literário, herdado por Casanova de seu orientador Pierre Bourdieu, tem destaque em três artigos (Thiesse, Marneffe, Luis). Discute-se a orientação voltada para a hegemonia e a universalidade do campo francês no século XIX e a autonomia como valor necessário para a conquista de liberdade no espaço literário mundial. Embora o conceito de autonomização do campo literário faça referência à conquista de independência da literatura em relação a diversos outros campos, os três artigos estão especialmente interessados (como, afinal, Casanova) em pensar o lugar da nação na luta por autonomia e espaço na República das Letras.

Por fim, dois artigos, de Savoie e de Bédié, se apropriaram da metáfora da "República Mundial das Letras", de Casanova, para utilizações particulares sem relações relevantes com o conteúdo argumentativo da obra.

Respondendo à questão sobre os usos d'A *República Mundial das Letras* na França, cuja capital coincide com o Meridiano de Greenwich da literatura mundial, noto que os dois grandes temas

dos artigos em francês são a literatura francófona e o problema da literatura mundial, abordados sob diferentes aspectos. Num caso ou outro, a literatura francesa, salvo exceções como em Torres (2003, 2009), não fazia parte do *corpus* ou do problema. Entre os artigos em português, pelo contrário, são exceção os que não têm como tema ou problema a literatura brasileira em geral ou em particular (na figura de um autor ou obra). Diante desses dados, é possível afirmar (embora não insinuando que o material tenha sido colhido num número e método ideal e lembrando que os artigos em francês são do universo francófono) que o que se teoriza n'A *República Mundial das Letras* tem mesmo um interesse menor nos estudos de uma "grande literatura" em relação aos de uma "pequena literatura". Ao invés da literatura francesa, os resultados foram marcados pela forte presença das "pequenas literaturas" francófonas. Também é notável o número de artigos engajados em discussões de cunho geral sobre a literatura mundial, um uso que poderíamos chamar de terminológico, num à-vontade que parece estranho a quem teoriza da periferia da República, a julgar pela quase ausência de textos com esse teor entre os artigos brasileiros.

Não poderia forçar categorias iguais nas quais "encaixasse" os dois grupos de artigos, mas embora cada grupo tenha tido seu conjunto particular de categorias de distribuição pelos usos que fizeram d'A *República...*, isso não impede a detecção de semelhanças e diferenças. De saída, em ambos os grupos o tema mais citado foi o da

consagração, mas enquanto nos artigos brasileiros fez-se um uso amplo das teorizações sobre os diversos mecanismos de consagração literária, entre os artigos em francês houve um enfoque maior na importância da consagração em Paris por conta das especificidades da francofonia. Segundo em importância entre os artigos em português, as formas de conquistar capital literário resultaram numa categoria que não apareceu entre os artigos em francês. O interesse dos artigos brasileiros sobre o tema certamente diz sobre a posição de sua literatura na República das Letras, uma preocupação das “pequenas literaturas”. Já a tradução, embora seja defendida por Casanova (2002, p. 169) como “a grande instância de consagração específica do universo literário”, curiosamente não despertou especial interesse entre os artigos brasileiros. Também chama à atenção que tenha sido entre os artigos brasileiros que apareceram críticas duras à obra de Casanova, independente de seus méritos. O que é curioso é essa postura antagonista partir do público “beneficiado” pelas teorizações de Casanova.

Esperei com esse artigo menos chegar a conclusões rígidas sobre o problema levantado que levá-lo e ensaiar um modelo de pesquisa que, embora bastante breve em sua execução e proposta, cumprisse o objetivo de chamar atenção para as diferenças na recepção dessa obra num sistema literário central e num periférico (não só brasileiro, como vimos, mas também formado pelas pequenas literaturas francófonas), corroborando a interpretação d’A República

*Mundial das Letras* como uma “espécie de arma crítica a serviço de todos os excêntricos” (CASANOVA, 2002, p. 424).

## Referências bibliográficas

BAPTISTA, A. B. Ideia de Literatura Brasileira com propósito cosmopolita. *Revista brasileira de literatura comparada*, n. 15, 2009, p. 61-87.

BOURDIEU, P. As condições sociais da circulação internacional das ideias. *ENFOQUES – Revista Eletrônica*. Rio de Janeiro, v.1, n. 01, p. IV– 117, 2002.

CASANOVA, P. *A República Mundial das Letras*. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

DAMROSCH, D. World Literature, National Contexts. *Modern Philology*, Vol. 100, No. 4 (May 2003), pp. 512-531.

FITZ, E. Goethe’s *Weltliteratur* and the World of Lusophone Letters: The case of Brazil. *Brasil/Brazil: revista de literatura brasileira*. Edição especial: a internacionalização da literatura brasileira. Nº 50, ano 27. Porto Alegre/Providence, 2014.

MORETTI, F. Conjeturas sobre a literatura mundial. *Novos estudos*, n. 58, nov. de 2000.

PRENDERGAST, C. *Debating World Literature*. New York: Verso, 2004.

# opiniões

WREC. *Combined and Uneven Development: Towards a New Theory of World-Literature*. Liverpool: Liverpool University Press, 2015.

## Corpus

AL-MATARY, S., WILFERT-PORTAL, B. Comment écrire une histoire mondiale de la littérature?, *Lectures*, Les notes critiques, 2013.

ÁVILA, M. O diário e a diáspora. *IPOTESI*, Juiz de Fora, v. 15, n. 1, p. 235-240, jan./jun. 2011.

BARROS, A. Percursos do Brasil na geografia literária mundial: um estudo da recepção internacional da obra de Machado de Assis no séc. XX. *XI Congresso Internacional da ABRALIC: Tessituras, Interações, Convergências* - 13 a 17 de julho de 2008 - USP – São Paulo, Brasil.

BESSIÈRES, V. Le péplum, et après? L'Antiquité dans les récits postmodernes. *Anabases*, 16 | 2012.

BORDINI, M. I. Recepção internacional de Machado de Assis: um debate em torno da disjuntiva local vs. universal. *Em Tese*, Belo Horizonte, v. 21, n. 1, jan.-abr. 2015, p. 101-115.

BOSAK, J. A república mundial das roupas e a modernidade de Machado de Assis. *Revista Dobras*, v. 5, n. 12, nov. 2012.

BRAGA-PINTO, C. A Paris de Nestor Vitor e o Mundo de Pascale Casanova. *Remate de males*, Campinas-SP, (32.1): pp. 117-135, Jan./Jun. 2012.

CORRÊA, M. C. Tradução e referências culturais. *Cadernos de tradução*, v. 1, n. 23, 2009.

CUNHA, E. F. Da citação como tradução e crítica na obra de Machado de Assis. *ORGANON: Revista do Instituto de Letras da UFRGS*, v. 18, n. 37, 2004.

DUGONJIĆ, L., LATOUR, R. R. de. Babel et le marché. Un programme de littérature mondiale à l'épreuve du marché de la traduction. *Schweizerische Zeitschrift für Bildungswissenschaften*, 36 (2014) 2, S. 195-212.

FEZE, Y-A. Langues et interculturalité dans la littérature d'Afrique francophone. *Revue Annales du patrimoine* - N° 06 / 2006.

FIGUEIREDO, E. Literatura comparada: o regional, o nacional e o transnacional. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, n.23, 2013.

FRAISSE, E. L'enseignement de la littérature : un monde à explorer. *Revue internationale d'éducation de Sèvres*, n. 61, décembre 2012.

GASPARINI, P. Riscos do português / Riscos do castelhano: a língua portuguesa na poesia do argentino Néstor Perlongher. *Ipotesi*, Juiz de Fora, v. 9, n. 1, n. 2, pág. 27 - 40, jan/jun, jul/dez 2005.

GRUTMAN, R. Marie-Claire Blais en traduction ou la Weltliteratur en action. *Alternative Francophone*, vol.1, 3(2010), 1-12.

HALEN, P. Notes pour une topologie institutionnelle du système littéraire francophone. IN: DIOP, P. S., LÜSEBRINK, H-J. *Mélanges offerts à János Riesz à l'occasion de son soixantième anniversaire*. Alemanha: GNV, 2001.

HEILBRON, J., SAPIRO, G. La traduction littéraire, un objet sociologique. *Actes de la recherche en sciences sociales*, 2002/4 (no 144), p. 3-5.

LINDBERG, Y. Le regard suédois sur les femmes écrivains de la francophonie. Cedergren, M. et Briens, S. (eds.) *Médiations interculturelles entre la France et la Suède*. Trajectoires et circulations de 1945 à nos jours. Pp. 44-55. Stockholm: Stockholm University Press, 2015.

LOTT, T. H. Ngugi wa Thiong’o: a literatura afroeuropéia e a escritura em gikuyu. *RÓNAI: revista de estudos clássicos e tradutórios*, Juiz de Fora – 2013, v. 1, n. 2, p. 119-130.

LUIS, R. Compte rendu de Perrot-Corpet (Danielle) & Gauvin (Lise) (dir.), *La Nation nommée Roman face aux histoires nationales*. *CONTEXTES*, Notes de lecture, 2017.

MAGRI, I. A biblioteca latino-americana de Roberto Bolaño. *Anais do XIII Congresso Internacional da ABRALIC: Internacionalização do Regional*, 08 a 12 de julho de 2013 UEPB – Campina Grande, PB.

MARNEFFE, D. de. Le réseau des petites revues littéraires belges, modernistes et d’avant-garde, du début des années 1920 : construction d’un modèle et proposition de schématisation, *CONTEXTES*, n. 4, 2008.

MARTINS, A. B. O que faz o Brasil na República Mundial das Letras? *Revista Letras*, Curitiba, n. 91 p. 75-88, JAN./JUN. 2015.

MEYER, B. de. L’hospitalité dans Le Roi de Kahel de Tierno Monémbo: de la construction identitaire peule

à la consécration littéraire parisienne. *Tydskrif vir letterkunde* • 49 (2) • 2012.

MORESCHI, M. Sociologia demais. *Alea: Estudos Neolatinos*, vol. 16, no. 2, 2014, p. 277+.

MUNIZ JR., J. DE S., SZPILBARG, D. Edição e tradução, entre a cultura e a política: Argentina e Brasil na Feira do Livro de Frankfurt. *Revista Sociedade e Estado – Volume 31 Número 3 Setembro/Dezembro 2016*.

PROVENZANO, F. La consécration par la théorie. *CONTEXTES*, n. 7, 2010.

ROCHA, W. I. O portunhol e captação de herança nos sonetos salvajes, de Douglas Diegues. *Estação literária*, Londrina, v. 7, p. 6-14, set. 2011.

SANTOS, P. S. N. dos. Dois escritores e um perfil: Lobivar Matos e José Pereira Lins. *Ângulo*, 131 - Literatura Comparada v.II, out./dez., 2012. p. 104 – 113.

SAVOIE, C. L’Exposition universelle de Paris (1900) et son influence sur les réseaux des femmes de lettres canadiennes. *Études littéraires*, 362 (2004): 17-30.

SERRANI, S. Antologia: escrita compilada, discurso e capital simbólico. *ALEA*, v. 10, n. 2, julho-dezembro 2008, p. 270-287.

STALLAERT, C. ROMANELLI, S. Entrada do Brasil na República mundial das letras. Mediações transatlânticas e diplomacia cultural de Dom Pedro II na elaboração de uma identidade letrada nacional. *Nuevo Mundo Nuevos Debats*, mis en ligne le 18 septembre 2015, consulté le 11 mai 2017.

# opiniões

THIESSÉ, A-M. Communautés imaginées et littératures. *Romantisme*, 2009/1 (n° 143), p. 61-68.

TORRES, M-H. C. L'autre traduit ou la littérature française au Brésil. *Synergies: Brésil*, n° 7, 2009, pp. 91-99.

\_\_\_\_\_. Traduction de la littérature française au Brésil : état de la question. *Meta*, Volume 48, numéro 4, Décembre 2003.

WOLFGANG, A. Entre nationalisme et internationalisme: une conscience européenne des avant-gardes françaises? *Cahiers de l'Association*

*internationale des études françaises*, 2002, n°54. pp. 233-250.

## Notas

1 Organisation Internationale de la Francophonie: <https://www.francophonie.org/>.  
Ethnologue: languages of the world: <https://www.ethnologue.com/>.  
Observatório da língua portuguesa: <http://observalinguaportuguesa.org/>.